

# POSFÁCIO

| Rui Alexandre Grácio

Ensina-nos a teoria hermenêutica de Hans-Georg Gadamer que o ato da compreensão implica uma “fusão de horizontes”. Esta fusão de horizontes significa que a compreensão nunca é um fenómeno solitário mas pressupõe pontes entre aqueles que se compreendem.

Se isso se torna mais evidente quando o que nos interpela está num passado temporalmente distante, o facto é que a distância espacial e cultural não deixa de convocar também o fenómeno da fusão de horizontes. Com efeito, se, como afirma o filósofo alemão “os preconceitos de um indivíduo são, muito mais que seus juízos, a realidade histórica de seu ser”, então toda a compreensão implica pré-compreensão e, poderemos dizer, os preconceitos são os incontornáveis guias silenciosos e espontâneos da interpretação. Eles são inescapáveis porque somos seres situados e históricos e a materialidade das práticas em que fomos crescendo é constitutiva dos nossos modos de ver e interpretar.

Assumida então a ideia de que não podemos pura e simplesmente erradicar os preconceitos da compreensão podemos, contudo, procurar distinguir entre os preconceitos que facilitam a compreensão e aqueles que a obstaculizam. Podemos fazê-lo tendo não só em mente que a relação entre a familiaridade e a estranheza — bem como as ações e atitudes que lhes estão associadas — é dinâmica, metamorfa e sensível a processos de reflexão e consciencialização, como, ainda, percebendo que a forma como lidamos com que nos é mais próximo ou distante não é sem implicações para o modo como tratamos o Outro. Pelo contrário, reveste-se de repercussões práticas nas vertentes da inclusão e da exclusão.

A tentativa de nos guiarmos pela excelência do ideal de relações bilaterais e paritárias, sem imposições excludentes e perfilando o princípio da hospitalidade entre os humanos, não é tarefa fácil: implica não apenas lidar e saber respeitar a diversidade, como remete, ainda, para uma permanente negociação de modos de vida associados a grupos com diferentes pré-construídos culturais num território habitado em comum. Aliás, a idealidade dos princí-

pios nunca foi de fácil articulação com a materialidade dos espaços habitados por pessoas com práticas enraizadas em costumes e referências que, sendo locais, representam contudo modos coletivos de vida e de ver o mundo.

No caso do livro da Professora Glaucia Lara, as questões acima enunciadas, plasman-me num comparativo intercultural e, mais especificamente, na experiência narrada por migrantes brasileiros que, por razões diversas, passaram a viver em Portugal.

Assim, a questão que se coloca é a de saber como é que se configurou a “fusão de horizontes” que ocorre no processo de compreensão ou, formulando em termos mais concretos, como é que foi percebida, em termos de integração e de acolhimento, a experiência sociocultural de brasileiros tal como eles a exprimem nas suas narrativas de vida?

Utilizando a análise do discurso aplicada a narrativas de vida, a autora procura dar voz a quem, defrontando-se com a percepção de “estrangeiro”, se vê confrontado com juízos prévios que circulam no interdiscurso do país de receção, pré-construídos esses que não são sem repercussão no modo como essas pessoas se sentem melhor ou pior acolhidas e integradas.

A grande questão que se joga nestas situações é o modo como se lida com a diferença. Com efeito, assinalar diferenças é algo de inevitável num mundo onde impera a diversidade cultural. Aliás, quando ocupamos a condição de “turista”, essas diferenças geram curiosidade, tornam-se numa fonte de aprendizagem e alargam horizontes pelo confronto com a diversidade a que obrigam.

Outra coisa, contudo, é não estar de passagem e querer construir um vínculo de residência, pois aí a questão da coexistência e da forma como somos tratados torna-se premente. Ao habitar um espaço que não é o da sua pertença originária, o Outro diferente pode não só surgir como ameaça como ser alvo de desconfortáveis comportamentos discriminatórios.

No caso do objeto de estudo da Professora Glaucia Lara no presente livro, a autora regista que, apesar de haver laços (a começar pela língua) que favorecem a proximidade entre a cultura dos migrantes brasileiros e a cultura de Portugal, onde decidiram residir, o facto é que se assinalam também dificuldades derivadas de alguns estereótipos e ideias pré-concebidas ainda em circulação. No entanto, a autora conclui também que o olhar preconceituoso dos portugueses sobre migrantes brasileiros não é considerado pelos entrevistados como «agressivo». Na verdade, e com o aumento de circulação das rotas Brasil-Portugal e Portugal-Brasil (mas, também, com o incremento da

mobilidade inerente à globalização), as imagens recíprocas parecem estar a passar por ajustamentos importantes no sentido de uma menor importância dada a instintos relacionados com a territorialidade e uma maior valorização do espírito cosmopolita. Se isso for correto e consonante com um modo de pensar que tem o mundo como horizonte global, então talvez o diálogo sem muros se torne na via principal para proporcionar uma coexistência hospitaleira em que a dignidade de cada um seja encarada como um valor imanente a acolher de forma aberta.